

<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321.7.7.1.592-602>

## Etymologiae

*Etymologiarum sive  
originum libri XX*

Isidoro de SEVILHA

Silvio SOMER (Tradutor-PGET-UFSC)  
[silvioletras@gmail.com](mailto:silvioletras@gmail.com)

SEVILHA, Isidoro de. *Etymologiae*.  
Traduzido por Silvio Somer.  
**Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p.  
592-602, jan./jun. 2017.

### Tradução

Tradução em português do original  
SEVILHA, Isidoro de. **Etymologiarum  
sive originum libri XX**. Londres: Oxford  
University Press, 1911.

## Capítulo V.

### DA GRAMÁTICA.

[1] Gramática é o conhecimento do falar bem e é a origem e fundamento das artes liberais. Essa, dentre as disciplinas, foi inventada após as letras do alfabeto para que os que já aprenderam as letras, através daquelas, conheçam o método do bem falar. Além disso, a gramática recebe o seu nome das letras, pois os gregos chamam as letras de γράμματα. [2] Ela é verdadeiramente chamada de arte, porque consiste em preceitos e regras estritos. Outros dizem que essa palavra (ars, artis) foi trazida do grego, de ἀπὸ τῆς ἀρετῆς, isto é, pela virtude, que eles chamavam de conhecimento. [3] A oratória (oratio) é assim chamada como se fosse um método de falar (oris ratio), pois dizer (orare) é falar e afirmar. A oratória também é a junção das palavras com o sentido. Mas, a junção sem o sentido não é oratória, pois não é método de falar. A oratória, além disso, é plena de sentido, som e letras. [4] Trinta divisões da gramática são enumeradas por alguns, isto é: as oito partes da oratória, a articulação das palavras, as letras, as sílabas, os pés, a entoação, a pontuação, as observações, a ortografia, a analogia, a etimologia, as glosas, as diferenças, os barbarismos, os solecismos, os defeitos, os metaplasmos, as figuras, as alegorias, a prosa, os metros, as fábulas e as histórias.

## Capítulo VI.

### DAS PARTES DA ORAÇÃO.

[1] Primeiro, Aristóteles referiu duas partes da oração, substantivo e verbo; depois Donato definiu oito. Mas todas elas voltam às duas principais, isto é, ao substantivo e ao verbo, que significam a pessoa e o ato. As outras são acessórias e tiram dessas suas origens. [2] Pois o pronome nasce do substantivo, cuja função ele executa, como em “orator ille” (um orador... ele). O advérbio nasce do substantivo, como em “doctus, docte” (sábio, sabiamente). O particípio nasce do substantivo e do verbo, como “lego, legens” (eu leio, o que lê). A conjunção e a preposição ou a interjeição ocorrem em conexão com essas. Por isso, algumas pessoas definiram cinco partes, pois essas são supérfluas.

## Capítulo VII.

### DO SUBSTANTIVO.

[1] O substantivo (*nomen*) é assim chamado como se fosse um sinal distintivo (*notamen*), pois pela sua designação ele faz as coisas conhecidas para nós. Porque se você não conhece o nome, o conhecimento das coisas se perde. Nomes próprios são assim chamados porque são particulares, pois eles indicam apenas uma pessoa. Há quatro tipos de nomes próprios: prenome, nome, cognome, agnome. O prenome é assim chamado porque ele é colocado antes do nome, como “Lucius”, “Quintus”. [2] O nome é assim chamado porque ele identifica a família, como “Cornelius”, pois todos os “Cornelius” são gerados nesta família. O cognome, porque ele é unido ao nome, como “Scipio”. O agnome é posto ao lado do nome, como em “Metellus Creticus”, porque ele subjugou Creta: com efeito, o agnome vem de uma causa externa. Mas ele é frequentemente chamado de sobrenome, porque ele é acrescentado ao nome com o objetivo de reconhecimento, ou porque ele é usado com o nome. [3] Substantivos apelativos são assim chamados porque eles são comuns e consistem em indicar muitas coisas. São divididos em vinte e oito tipos, dos quais, os substantivos corpóreos (*corporalia*) são assim chamados porque eles são vistos ou tocados, como “caelum” (céu), “terra” (terra). [4] Os incorpóreos (*incorporalia*), porque carecem de corpo, donde não podem ser vistos nem tocados, como “veritas” (verdade), “iustitia” (justiça). [5] Os substantivos gerais (*generalia*), porque eles dizem respeito a muitas coisas, como “animal” (animal). Com efeito, uma pessoa, um cavalo e uma ave são animais. [6] Particulares (*specialia*), porque eles indicam uma parte, como “homo” (homem), pois o homem é um tipo (*species*) de animal. [7] Primitivos, porque eles têm a primeira forma da palavra e não nascem de outros, como “mons” (monte), “fons” (fonte). [8] Derivados, porque são tirados de outros, como “montanus” (montanhoso), de “monte” (monte). [9] Diminutivos, porque diminuem o sentido, como “Graeculus” (greguinho), “scholasticulus” (escolasticozinho). [10] Diminutivos em som (*sono diminutiva*), porque soam como diminutivos, mas são entendidos como primitivos, como “tabula” (mesa), “fabula” (fábula). [11] Totalmente gregos (*tota Graeca*), porque eles declinam totalmente como em grego, como “Callisto” (Calisto), pois assim se diz

tanto em grego quanto em latim. [12] Totalmente latinos (*tota Latina*), porque eles são vertidos totalmente em latim. Em grego se diz “Odysseus” (Odiseu), em latim, “Ulixes” (Ulisses). [13] Substantivos médios (*media*) são assim chamados porque são parte gregos, parte latinos. Estes também são chamados bastardos, porque eles corrompem as sílabas finais, mantendo as anteriores, como em grego, “Alexandros”, “Menandros”; enquanto nós temos “Alexander” (Alexandre), “Menander” (Menandro). Também são chamados bastardos como é bastardo quem quer que nasça de classes diferentes. [14] Sinônimos, isto é, que têm muitos nomes, porque há um significado único para muitos substantivos, como “terra”, “humus”, “tellus” (terra). Com efeito, todos eles são a mesma coisa. [15] Homônimos, isto é, que têm um só nome, porque há muitos significados para um único substantivo, como “tumulus”, que num momento é um monte baixo, em outro momento é a terra inchada, e em outro momento é um sepulcro. Com efeito, há diversos significados em um único substantivo. [16] Os relativos são assim chamados porque eles são definidos em relação a outra pessoa, como “magister” (professor), “dominus” (senhor), “pater” (pai). [17] Além disso, as definidas como relacionadas com algo por meio de sua oposição de significado são também chamadas relativas, como “dexter” (direita). Pois não se pode dizer direita se não houver uma esquerda. [18] Para diante, os adjetivos qualitativos são assim chamados porque através deles cada qualidade é mostrada, como “sapiens” (sábio), “formosus” (belo), “dives” (opulento). [19] Os quantitativos, porque são tomados por medida, como “longus” (longo), “brevis” (curto). [20] Os patronímicos são assim chamados porque eles são tomados dos pais, como “Tydides”, filho de Tydeus, “Aeneius”, filho de Aeneas (Eneias), ainda que eles possam ser derivados das mães e dos antepassados. [21] Adjetivos possessivos, como em “Evandrius ensis” (a espada evandria). [22] Epítetos, que em latim são chamados adjetivos ou adições, porque eles são adicionados aos substantivos para completar seu significado, como “magnus” (grande), “doctus” (sábio). Você pode adicioná-los a pessoas, como “magnus philosophus” (um grande filósofo), “doctus magno” (um homem sábio), e o sentido está completo. [23] Os substantivos agentes (*actualia*) provêm da ação (*actu*), como “dux” (condutor, comandante), “rex” (rei), “cursor” (corredor), “nutrix” (a que nutre), “orator” (orador). Os adjetivos gentílicos (*gentis*) vêm da nação (*gentes*), como “Graecus” (grego), “Romanus” (romano). [24] Os pátrios vêm de pátria, como “Atheniensis” (ateniense),

“Thebanus” (tebano). Os de lugar, como “suburbanus” (suburbano). [25] Os chamados verbais, porque eles têm origem no verbo, como “lector” (leitor). [26] Os participiais, porque soam como se tivessem participação, como “legens” (o que lê). Os semelhantes aos verbos, assim chamados pela sua similaridade com os verbos, como “contemplator” (contemplador). Pois é tanto um verbo no modo imperativo, tempo futuro, quanto um substantivo, porque ele admite o grau comparativo. Todos esses tipos descendem da qualidade nomeadora dos substantivos. [27] Uma segunda parte é o comparativo dos adjetivos. O comparativo é assim chamado porque prefere uma coisa em comparação com outra. Há três graus de comparação: positivo, comparativo e superlativo. O positivo é assim chamado porque ele é posto primeiro no grau de comparação, como “doctus” (sábio). O comparativo, por isto, porque é preferido ao positivo quando comparado a ele, como “doctior” (mais sábio), pois ele sabe mais do que alguém que é sábio (*doctus*). O superlativo, que ultrapassa o comparativo, como “doctissimus” (o mais sábio), pois ele sabe mais do que alguém que é “mais sábio” (*doctior*). [28] Os gêneros são assim chamados porque eles geram, como masculino e feminino. Outros substantivos não têm gênero, mas analogia e tradição atribuíram-lhes gênero. Um substantivo neutro é assim chamado porque ele não é este nem aquele, isto é, nem masculino nem feminino. O comum é assim chamado porque um substantivo tem parte em dois gêneros, como “hic” (este [cachorro]) e “haec canis” (esta cadela). [29] Ao qual, o oposto é o epiceno, porque ele expressa ambos os sexos sob um único gênero, como em “hic piscis” (este peixe). Com efeito, é de sexo incerto, porque ele não pode ser distinguido nem pela natureza nem pela visão, mas apenas pela experiência. O substantivo de toda espécie é assim chamado porque ele satisfaz todos os gêneros: masculino, feminino e neutro, comum – todos. [30] O número gramatical é assim chamado porque por ele é mostrado se um substantivo é singular ou plural. Forma morfológica, porque substantivos são simples ou compostos. [31] Casos (*casus*) são assim chamados por terem um final (*cadendo* – o que declina, que acaba); pois, através das flexões de caso, os substantivos são variados e têm seus finais. O caso nominativo é assim chamado porque através dele nós nomeamos algo, como “hic magister” (este professor). O genitivo, porque através dele nós procuramos a classe de alguém, como “huius magistri filius” (o filho deste professor), ou porque indicamos algo, como “huius magistri liber” (o livro deste professor). [32] O dativo, porque através dele nós

mostramos dar algo a alguém, como “da huic magistro” (dá a este professor). O acusativo, porque através dele nós acusamos alguém, como “accuso hunc magistrum” (acusado este professor). O vocativo, porque através dele nós chamamos alguém, como “o magister” (ó professor). O ablativo, porque através dele nós indicamos que tiramos algo de alguém, como em “aufer a magistro” (tira do professor). [33] Alguns substantivos são chamados de hexaptotos porque têm flexões distintas nos seis casos, como a palavra “unus” (um). Pentaptotos, porque eles variam em apenas cinco casos, como “doctus” (sábio). Tetraptotos, porque são declinados apenas em quatro casos, como “lateris” (lado). Triptotos, porque é apenas em três, como “templum” (templo). Diptotos, porque é apenas em dois, como “Iuppiter” (Júpiter). Monoptotos, porque usam apenas um caso, como “frugi” (econômico).

## **Capítulo VIII.**

### **DO PRONOME.**

[1] O pronome é assim chamado porque ele é posto como alternativa do substantivo, para não causar fastio quando o substantivo é repetido. Porque quando dizemos “Vergilius scripsit Bucolica” (Virgílio escreveu as Bucólicas), nós acrescentamos o pronome, “ipse scripsit Georgica” (ele escreveu as Geórgicas); e assim a variação na indicação tanto suprime o fastio quanto introduz o ornamento. [2] Além disso, os pronomes são definidos ou indefinidos. Pronomes definidos são assim chamados porque eles definem uma certa pessoa, como “ego” (eu); com efeito, você imediatamente entende que este sou eu. Os indefinidos, porque as pessoas por eles referidos não estão determinadas. Com efeito, são chamados de ausentes e indeterminados, como “quis” (o qual, quem - masculino), “quae” (a qual, quem - feminino), “quod” (o/a que, quem - neutro). Alguns são chamados de menos do que definidos, porque fazem menção a uma pessoa conhecida, como “ipse” (o próprio), “iste” (esse). Pois nós sabemos de que/quem se está falando. [3] Os possessivos são assim chamados porque eles nos mostram possuir algo. Pois quando eu digo “meus” (meu), “tuus” (teu), eu determino algo como meu ou teu. Os relativos são assim chamados porque eles respondem à pergunta, como “quis est?” (quem é?) é respondido por “is est” (ele é). Demonstrativos, porque têm o sentido de demonstrar. Com efeito, por eles, demonstramos alguém que está presente, como “hic” (este - masculino), “haec” (esta - feminino), “hoc” (este/esta - neutro);

de tal sorte que esses três também são chamados de artigos. [4] Além disso, os artigos são assim chamados porque eles são pressionados aos substantivos, isto é, eles são conectados, quando dizemos “hic orator” (este orador). Mas há esta diferença entre o artigo e o pronome: ele é um artigo quando juntado a um substantivo, como “hic sapiens” (o sábio). Quando não é verdadeiramente unido, então ele é um pronome demonstrativo, como “hic et haec et hoc” (este - masculino - e esta - feminino - e este/esta - neutro). [5] Além disso, todos os pronomes são primitivos ou derivados. Os primitivos são assim chamados porque não têm origem em outro lugar. Estes são vinte e um. Três são definidos: “ego” (eu) “tu” (tu), “ille” (ele/aquele). Sete são indefinidos: “quis” (o qual/quem), “qualis” (qual/de que espécie), “talis” (tal), “quantus” (quão grande), “tantus” (tanto/tão grande), “quotus” (qual/em que número), “totus” (tão grande). Seis são menos do que definidos: “iste” (esse), “ipse” (o próprio), “hic” (este), “is” (ele), “idem” (o mesmo), “sui” (de si). Cinco são os possessivos: “meus” (meu), “tuus” (teu), “suus” (seu), “noster” (o nosso), “vester” (o vosso). Além disso, os restantes são chamados derivados, porque consistem da derivação e composição desses, como “quispiam” (alguém), “aliquis” (alguém) e restantes.

## **Capítulo IX.**

### **DO VERBO.**

[1] O verbo (*verbum*) é assim chamado porque ele ressoa por meio de reverberação (*verberato*) no ar, ou porque esta parte frequentemente estaria envolvida na oração. Além disso, verbos são sinais dos processos mentais pelos quais as pessoas mostram seus pensamentos umas às outras pela fala. Mas assim como o substantivo indica uma pessoa, o verbo indica o feito e o dito de uma pessoa. Na pessoa do verbo, há indicação do ativo ou do passivo. Com efeito, “scribo” (eu escrevo) é o que uma pessoa está fazendo. Assim, “scribor” (eu sou escrito) indica o que uma pessoa está fazendo, mas neste caso quem a está sofrendo. [2] Há dois tipos de “verbum” (verbos, palavras): o dos gramáticos e o dos retóricos. Os dos gramáticos são conjugados em três tempos: pretérito, presente e futuro, como “fecit” (fez), “facit” (faz) e “faciet” (fará). Mas as palavras dos retóricos são usadas na fala como um todo, “verbis bonis nos cepit” (ele nos cativou com boas palavras), “verba bona habuit” (ele tinha boas palavras), onde não diz respeito

apenas aos verbos, que conjugam em três tempos, mas à fala como um todo. As qualidades dos verbos são: formas, modos, conjugações e vozes [e tempos]. [3] Disso, as formas dos verbos são assim chamadas porque elas nos instruem sobre cada uma das coisas, pois através delas nós mostramos o que estamos fazendo. Com efeito, as meditativas (*meditativa*) são assim chamadas porque exprimem o desejo de uma ação (*meditantis*), como “lecturio” (eu tenho o desejo de ler), isto é, eu quero ler. Os verbos incoativos (*inchoativa*) são assim chamados pela indicação de início (*inchoantis*) após reflexão, como “calesco” (eu me aqueço). Os frequentativos são assim chamados por agir com frequência, como “lectito” (eu leio muitas vezes), “clamito” (eu grito muitas vezes). Com efeito, as formas estão ligadas ao significado, os modos à declinação. Porém, você não sabe qual seria a declinação se você antes não tiver aprendido qual seria o significado. [4] Os modos do verbo são assim chamados a partir da modalidade do seu sentido. Com efeito, o modo indicativo é assim chamado porque ele tem o sentido de alguém indicando, como em “lego” (eu leio). O imperativo (*imperativus*), porque tem o tom de alguém comandando (*imperantis*), como “lege” (leia). O optativo (*optativus*), porque através dele nós desejamos (*optamus*) fazer alguma coisa, como “utinam legerem” (oxalá pudesse eu ler). O subjuntivo (*coniunctivus*), porque algo é unido (*coniungitur*) a ele para que a sentença esteja completa. Com efeito, quando você diz “cum clamem” (quando eu grito), o sentido é interrompido; de tal sorte que se eu digo “cum clamem, quare putas quod taceam?” (quando eu grito, por que motivo tu pensas que eu estou em silêncio?), o sentido está completo. [5] O [modo] infinitivo é assim chamado porque, enquanto ele define tempos, ele não define uma pessoa do verbo, como “clamare” (gritar), “clamasse” (ter gritado). Se você adiciona uma pessoa a ele: “clamare debeo, debes, debet” (eu devo, tu deves, ele deve gritar), do mesmo modo, ele se torna finito. O chamado impessoal, porque carece da pessoa do substantivo ou do pronome, como “legitur” (é lido): você adiciona uma pessoa, como “a me” (por mim), “a te” (por ti), “ab illo” (por ele/aquele) e o sentido é preenchido. Mas ao modo infinitivo falta apenas um marcador de pessoa como parte de sua forma verbal, ao impessoal falta inteiramente a pessoa do pronome ou do substantivo. [6] A conjugação é assim chamada porque, através dela, muitas coisas são unidas a um som. Com efeito, ela mostra de que sílaba provém o tempo futuro, para que por ignorância alguém não diga “legebo” em lugar de “legam” (eu lerei). Das primeiras, a primeira e a segunda indicam



o tempo futuro por “bo” e por “bor”, a terceira por “am” e por “ar”. [7] As vozes (*genera* – tipos/espécies) dos verbos são assim chamadas porque elas causam/geram (*gignant*). Com efeito, você junta um R à ativa e ela dá origem à passiva; doutro modo, você tira o R da passiva e produz a ativa. Além disso, são chamados ativos porque eles agem, como “verbero” (eu açoito), [e] passivos, porque eles sofrem a ação, como “verberor” (eu sou açoitado); os neutros, porque eles não agem nem sofrem a ação, como “iaceo” (eu deito), “sedeo” (eu sento). Se a eles você adiciona a letra R, eles não soam como latim. Os de voz comum são assim chamados porque eles tanto agem quanto sofrem a ação, como “amplector” (eu abraço/eu sou abraçado). Do mesmo modo, se a letra R é removida destes, eles não são latinos. Os depoentes (*deponentia*) são assim chamados porque eles abandonam (*deponunt*) o significado passivo dos seus tempos participios futuros; eles terminam em “dus”, como “gloriandus” (digno de glória).

## **Capítulo X.**

### **DO ADVÉRBIO.**

[1] O advérbio é assim chamado porque ele é posto ao lado do verbo, segundo se vê em “bene lege” (lê bem). “Bene” (bem) é o advérbio, “lege” (lê) é o verbo. Disso, por consequência, o advérbio é assim chamado porque ele sempre seria preenchido quando unido ao verbo, pois um verbo sozinho preenche o sentido, como “scribo” (eu escrevo). Mas um advérbio sem verbo não tem sentido completo, como “hodie” (hoje). Você adiciona um verbo a ele, “hodie scribo” (eu escrevo hoje), e você completou o sentido unido ao verbo.

## **Capítulo XI.**

### **DO PARTICÍPIO.**

[1] O participio (*participium*) é assim chamado porque ele toma partes (*capiat partes*) do substantivo e do verbo, como se fosse participante (*participium*), porque do substantivo reivindica para si o gênero e o caso, do verbo o tempo e o sentido, de cada um o número e a forma.

## Capítulo XII.

### DA CONJUNÇÃO.

[1] A conjunção é assim chamada porque ela une significados e frases, pois essa nada significa sozinha, mas na junção das palavras ela apresenta uma espécie de cola. Com efeito, ou ela associa substantivos, como “Augustinus et Hieronymus” (Agostinho e Jerônimo); ou verbos, como “scribit et legit” (ele escreve e lê). Além disso, todas têm uma só força: unem ou separam. [2] As conjunções aditivas (*copulativae*) são assim chamadas porque elas unem significado ou pessoas, como “ego et tu eamus ad forum” (eu e você vamos ao fórum). O “et” (e) une o significado. As alternativas (*disiunctivae*) são assim chamadas porque elas separam (*disiungunt*) coisas ou pessoas, como “ego aut tu faciamus” (que eu ou você façamos). As subordinativas (*subiunctivae*) são assim chamadas porque são subordinadas (*subiunguntur*), como “que” (e). Com efeito, nós dizemos “regique hominique Deoque” (ao rei e à pessoa e a Deus); não dizemos “que regi, que homini”. [3] As expletivas (*expletivae*) são assim chamadas porque preenchem (*explent*) o assunto proposto, como em “si hoc non vis, saltem illud fac” (se você não quer isso, ao menos faz aquilo). As comuns são assim chamadas porque elas são postas [e subordinadas] em qualquer lugar, como “igitur hoc faciam” (portanto, eu farei isso), “hoc igitur faciam” (eu, portanto, farei isso). [4] As explicativas (*causales*) são assim chamadas pelo motivo alegado (*causa*), porque teria a intenção de fazer algo, como “occido illum, quia habet aurum” (eu o mato, porque ele tem ouro); é o motivo alegado. As racionais (*rationales*) são assim chamadas pelo modo de pensar (*ratione*) de que cada um se serve no que deve fazer, como “quomodo eum occidam, ne agnoscar? veneno an ferro?” (como eu posso/poderia matá-lo de modo a não ser reconhecido? veneno ou espada?).

## Capítulo XIII.

### DA PREPOSIÇÃO.

[1] As preposições são assim chamadas porque elas são colocadas antes de substantivos e verbos. As preposições acusativas e ablativas são assim chamadas a partir dos casos que elas regem. Inteiramente inseparáveis (*loquellares*), porque sempre se ligam a um termo (*loquellis*),

isto é, a uma palavra, sozinhas nada significam, como “di”, “dis”. Quando unidas às palavras, elas produzem uma forma, como “diduco” (eu divido), “distraho” (eu rasgo).

## **Capítulo XIV.**

### **DA INTERJEIÇÃO.**

[1] As interjeições são assim chamadas porque são colocadas em meio (*interiecta*) às conversas, isto é, interpostas, exprimem um espírito tomado de emoção, assim como quando “vah” é dito por alguém exultante, “heu” por alguém aflito, “hem” por alguém encolerizado, “ei” por alguém amedrontado. De tal sorte que todos aqueles sons são específicos a cada língua e não são facilmente traduzidos para outras línguas.

Recebido em: 15 de fev. de 2017.

Aceito em: 16 de jul. de 2017.